

rio dos bons sinais

PONTA  
DE  
LANÇA

nelson saúte

**rio dos bons sinais**

**língua  
seraj**

## o viúvo do guarda-chuva amarelo

O *pai*, quando foi registá-lo, seguiu o impulso de um sonho. Não havia ninguém na aldeia com aquele apelido. Um curandeiro o avisara de que a mudança do sobrenome poderia obviar o infortúnio da família. Escolheu *Ídolos* em contracorrente dos que, na revolução, foram rebuscar as míticas origens. Por causa disso Eufrigino começou com uma nova linhagem. Seu nome próprio tinha razões bem mais prosaicas — o pai fora apaixonado, na adolescência, por uma colega de carteira, a Eufrigina.

Eufrigino chegou à idade adulta sem um único familiar mais velho: os seus morriam antes de alcançarem os quarenta anos. O pai morrera aos 37, antecedido pela morte violenta da mãe, numa noite de temporal, decepada por uma chapa de zinco, que voara da casa do vizinho e separara a sua cabeça do corpo.

O jovem Eufrigino jamais esqueceu aquele espectáculo medonho da mãe enxameada em sangue, sem cabeça. Talvez por isso Eufrigino ganhou pânico do convívio

com os mortos, uma coisa absolutamente normal para os seus, dado que, na sua família, ou mesmo na vizinhança, não era raro haver gente a morrer.

Quando chegou à idade adulta e tinha que ir a um funeral, Eufregino adoptou um estratagema: levava consigo um guarda-chuva, assim estaria impedido de carregar a urna, aproximar-se do corpo, olhar para o rosto do morto.

Foi assim durante anos: o homem ficou conhecido por levar aos funerais o seu guarda-chuva amarelo. Não importa se em dia de chuva ou de sol abrasivo. Eufregino dos Ídolos caminhava curvo, mirando o chão, sem olhar para os lados, temendo provavelmente algum olhar reprovador, acompanhando, sem falta, aqueles que eram visitados pelo infortúnio.

Mas esse não era provavelmente o motivo de maior perplexidade do homem da biblioteca da Cidade, a única biblioteca naquela zona do país, que não era frequentada sistematicamente por mais ninguém, a não ser Eufregino dos Ídolos.

Na realidade, essa não fora a sua primeira profissão. Eufregino entrara para a biblioteca tinha já dobrado os quarenta, a idade fatal para a sua família, o que demonstrava que o anterior apelido era responsável por atrair maus presságios.

A biblioteca da Cidade era um lugar triste, demasiado sombrio, com velhas e hieráticas estantes de madeira,

tomos encadernados, colecções de jornais e revistas igualmente encadernadas, mesas longas com uma camada indesmentível de poeira, teias de aranha no canto dos tectos, uma espécie de luz morta que se esvaziava naqueles vãos da sala cujo pé direito condizia com o modelo dos antigos casarios coloniais, com varandas à volta sobre o deque de madeira. A biblioteca era um lugar triste que guardava provavelmente as histórias mais belas do mundo. Triste porque ninguém a frequentava, a não ser a persistente e solitária militância de Eufriano dos Ídolos.

Mas não terminam por aqui as características esquisitas e inesperadas de Eufriano dos Ídolos. Ele casara com uma mulher linda mas que ninguém conhecia. Graciosa dos Ídolos não lhe dera, porém, descendentes. Quando uma mulher é infértil costuma-se devolvê-la à procedência. Eufriano nunca quis que tal infortúnio batesse à porta da menina mais cobiçada dos seus tempos do secundário. Quando casaram, eles foram viver para uma velha casa, que ficara muitos anos desocupada. Dizia-se que ela era assombrada. A verdade é que Graciosa cruzou aqueles portões e nunca mais de lá saiu em vida, pelo menos ao que se sabe. Aqueles cujo ofício é vasculhar o alheio asseveravam de que Graciosa só saía à noite, assim não tinha que cobrir o rosto da vergonha pelo facto de não ser uma mulher verdadeira.

Eufrigino dos Ídolos passava os dias curvado sobre a leitura infatigável, praticada ininterruptamente na sua biblioteca, enquanto a esposa se guardava no pátio da velha casa, de onde não saía nem sequer para ver seu médico.

Conta-se que a mulher sempre sofreu de pontadas agudas no ventre, mas jamais franqueou a porta em busca do socorro médico. Uma ou outra vez, um dos conceituados médicos da cidade visitava a senhora dos Ídolos para lhe auscultar sobre os malefícios que lhe iam mordendo a beleza que desvanecia do seu rosto.

— A esta hora o homem já deve ter morto a mulher de certeza.

Ouvia-se na rua quando ele passava.

— Dizem que o homem matou-a na noite de núpcias por descobrir que não era virgem.

— Se a matou, onde é que ela foi sepultada?

— Só pode ser no quintal daquela casa obscura.

Eram as especulações de uma cidade pequena. Graciosa vivia e passava os seus dias no pátio da casa, deitada na rede que encontrara na varanda ampla daquele casarão que se dizia assombrado, que fora abandonado nos albores da revolução pelos antigos donos, uma família de colonos que avultava nos tempos idos e que tivera que abandonar a cidade e o país em busca do refúgio pela fúria dos que entravam na cidade, conquistando-a.

Eufigino bem sabia que, quando ele passava, era objecto de olhares, mas não ligava. Continuava os seus caminhos, abria a biblioteca religiosamente às 7h30min e muitas vezes ficava para lá das 17h, a hora em que os outros funcionários, como ele, abandonavam os seus postos e regressavam às suas casas.

Dele tudo se dizia. Desde os exageros de que matara a pobre mulher que não lhe dava filhos até à ideia de que não era à mulher que se deviam assacar as responsabilidades, mas ele é que era meia-noite, isto é, um homem incapaz, sem erecção, morto, com o sexo comido pelos bichos.

Falava-se do homem e temia-se. Quando chegava aos sítios, abriam-se alas e ele passava. Era atendido como se de um extraterrestre se tratasse. Assim acontecia nos tempos das bichas, quando tudo faltava na cidade. Eufigino passava e abriam-se as alas, sob a estupefacção geral.

A mulher, Graciosa, permanecia um mistério por deslindar. Como ninguém sabia explicar aquela mesma indumentária, uma balalaica preta, calças pretas e um par de sandálias. Eufigino detestava sapatos, oprimiam-no, só os calçara no dia do seu casamento, assim como abominava gravatas, mas tivera que usá-los para desposar Graciosa.

Além da indumentária indubitavelmente negra, a barba crescia imparável, muitos anos sem ser cortada, nem

aparada, como as longas unhas naquelas mãos magríssimas e uns dedos finos de um tocador de piano.

Toda a gente olhava de soslaio para Eufrigino dos Ídolos nos dias em que houvesse algum funeral. O cemitério da cidade situa-se de frente ao mar, quase sempre fazia-se aquele percurso a pé, empurrando as urnas em velhas carretes, que chiavam interminavelmente.

Acontece que Eufrigino ia aos funerais e, por essa razão, quando o infortúnio lhe bateu à porta e a sua Graciosa sorriu pela última vez enquanto dormia a sesta, levada deste mundo por força e circunstância de uma síncope inesperada. Só se soube depois de morta: afinal a senhora, além do facto de não conceber e parir filhos, também sofria de doença cardíaca. Por isso era visitada sistematicamente por um médico.

Eufrigino dos Ídolos estava inconsolável e toda a gente viu como ele soluçou e chorou baba e ranho diante do olhar absorto e distante da Graciosa nas talas daquele féretro que lhe franqueava as portas para o céu.

Na tarde em que foi enterrar a mulher, muitos dos que ele acompanhou ao longo dos anos foram velar o corpo da esposa. Quando o padre terminou as orações, enquanto os coveiros esperavam que o caixão fosse encerrado, Eufrigino teve a coragem de levantar o rosto e encarar a multidão que o acompanhava naquela hora de estranha solidão



de um homem que ganhara, no infortúnio, a companhia dos semelhantes. Reparou então que todos os presentes traziam cada um deles um guarda-chuva. Só lhe restava o padre, o ajudante deste e os dois coveiros, que olhavam espantados para aquela cena inédita na cidade. Foram estes que selaram a urna e a fizeram descer os palmos de terra que acolheram Graciosa na sua ininterrupta viagem pelo admirável país do silêncio. Provavelmente tão estranho quanto misterioso, como aquele em que ela vivera os seus anos de mulher desposada por Eufregino dos Ídolos, o homem do luto perpétuo.